

INFORMATIVO





ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

ANO 2021 Outubro N° 386

PISTOLAS E REVÓLVERES DO IMPÉRIO

Contribuição do Dr. Frederico Euclides Aranha

I. ARMAMENTO REGULAMENTAR

I.1. ARMAS CURTAS

I.1.1. PISTOLAS

Pistolas do Período Colonial



C.1776



C.1808



C.1812



C 1916

NOTA

A origem dessas pistolas ou garruchas era, comumente, inglesa ou francesa, esta capturada em grande quantidade dos exércitos e arsenais napoleônicos e muitas delas doadas pelos ingleses ao reino de Portugal.

RECOMENDAÇÃO: para informações mais detalhadas ver: MEIRA, Antônio Gonçalves; CABEDA, Coralio B. P. *Nossas Guerras. Considerações Históricas dos seus Recursos*. Porto Alegre: EDIGAL, 2009.

Pistolas do Segundo Império



Barnett, calibre 17,3 mm, fecho de pederneira, Inglaterra, 1835.



Barnett Coroa + Pedro II



Enfield, calibre 14,8mm, fecho de percussão, Inglaterra, 1859.

Atendendo recomendação da Comissão de Melhoramentos, o Governo adquiriu pistolas de antecarga com mecanismo de disparo por percussão e cano ou canos de alma lisa ou raiada, popularmente conhecidas por "garruchas". Armas simples, robustas, as de cano raiado relativamente precisas graças ao projétil **Minié** de base oca (v. cap. II), gozavam da confiança dos militares. Eram de procedência inglesa e belga, principalmente.

Não há informações confiáveis sobre quando ocorreu a adoção dos primeiros revólveres no Brasil. Houve uma distribuição limitada de revólveres Colt modelo 1851 destinados supostamente para oficiais que voltaram de Caseros (há documentos sobre uma entrega em novembro de 1852 de pelo menos duas caixas de "pistolas" vindas dos EUA). Também é possível que uma compra tenha ocorrido depois disso, antes da adoção oficial do revólver tipo Lefaucheux, como mostra despacho do Ministro da Guerra de 1856 ordenando a entrega de 14 "pistolas revólveres" para o 2º Batalhão de Infantaria. Durante a campanha do Paraguai, a oficialidade estava armada com revólver tipo Colt de ação simples, de ante carga, resistente e potente, embora de carregamento excessivamente demorado; e revólveres tipo Lefaucheux de ação simples/dupla, de retro carga – a munição consistia de cartuchos metálicos com espoleta de pino – pouco potentes e frágeis.

Revólveres testados pela Comissão de Melhoramentos do Material.



Galand C.9mm (entre outros)

Em 1874 a Comissão de Melhoramentos do Material decidiu testar um novo revólver; dizia resumidamente o parecer a respeito:

"Reconhecida na actualidade a inferioridade dos revólveres de 'Lefaucheux' e 'Colt' trabalha esta secção com todo o critério no estudo comparativo dos revólveres de Girard, Galand, Spirlet e Tackels, para dentre eles escolher o que tem de ser adotado no Exército, esperando o recebimento dessas armas para pronunciar-se definitivamente".

Em 1875, a Comissão fez uma avaliação técnica de diversos revólveres: Colt, Lefaucheux, Chamelot-Delvigne, Tackels, Galand, Spirlet e Gérard, escolhendo este último para substituir os Lefaucheux:

"dentre todos eles preferiu o Gerard não só por ser o mais simples, o mais barato e o mais sólido, como por ter dado melhor resultado nas experiências....".

Contudo, essa decisão não foi levada adiante e os velhos Lefaucheux da guerra do Paraguai continuaram em uso por mais alguns anos. Alguns foram transformados para usar cartuchos de fogo central.

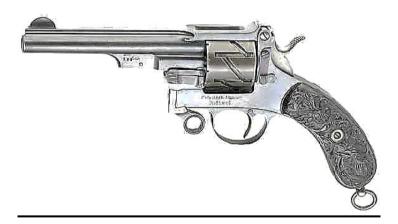
Seis anos após essa avaliação, o ministro da Guerra ordenou que a Comissão de Melhoramentos do Material providenciasse testes com dois modelos do revólver fabricado pela conceituada fábrica Mauser, experiências essas que foram conduzidas no Arsenal de Guerra e na Escola de Tiro de Campo Grande. Foi apresentada uma opinião conclusiva:

No parecer declarou (a Comissão) que a conclusão que devia tirar do resultado das experiências comparativas que fizera era que

"o revólver Mauser é incontestavelmente superior ao Gerard quanto à solidez de sua construção, simplicidade de mecanismo, facilidade de montagem e desmontagem, alcance, justeza do tiro e penetração do projétil e julgava, portanto, que, em caso de urgência, era preferível fazer aquisição do revólver Mauser de calibre 9 mm e extração automática para uso dos oficiais do exército, — desde que, por falta de tempo e munição própria para todos os espécimes que possuímos, não fora possível fazer estudos ainda mais completos nesta questão".

O parecer foi homologado pelo Ministro da Guerra, que mandou incluí-lo na relação de aquisição de material de guerra. Da compra de 1.500 revólveres sistema Mauser, calibre 9 mm, para oficiais, foi incumbido o comissário de compras na Europa, o Capitão Antônio Francisco Duarte. Dessa forma, a compra de novo revólver foi incluída no programa de rearmamento do Exército de 1881/1882, devendo o revólver regulamentar ser o Mauser de dupla ação e extração automática, variante do modelo "Zig-zag" de 1878.

Revólver MauserM1878



O país chegou a comprar e testar algumas unidades do revólver Mauser, modelo 1878 (Zig-zag), calibre 9X24R mm Mauser. Para muitos analistas, dentre eles, o Professor Adler de Castro –

"(...) deu-se um dos maiores escândalos da história de compras de armas pelo Exército Brasileiro. O comissário responsável pela

aquisição das armas na Europa encaminhou um ofício à Comissão com opinião contrária à compra do Mauser, sugerindo ao invés a compra de mais Gerards. (...) a Comissão não considerou válidos os argumentos do Capitão Duarte, mas pediu novas armas para fazer testes mais completos, já que o problema não era urgente. Apesar disso, escrevia 'condenando desde já o revólver Gérard, muito conhecido entre nós por suas más qualidades'. Qual não foi a surpresa dos membros da comissão quando receberam a notícia que o capitão Duarte tinha encomendado em fevereiro de 1883 na Manufacture Liègense (sic) a fabricação de 1.500 revólveres Gérard, indo contra as determinações da Comissão e do próprio ministro da Guerra! Recebendo ordens de sustar a compra, Duarte respondeu que não era possível, pois o contrato já estava assinado. Segundo as palavras da Comissão, os oficiais do exército tinham ficado 'condenados a usar de uma arma que, depois de alguns dias de serviço contínuo em suas mãos, ficará de todo imprestável'. (...) a comissão, neste período, era composta de sete membros, incluindo o chefe, Ten. Cel. Senna Madureira, três majores, dois capitães e dois tenentes, um dos quais Luiz Maria de Mello e Oliveira, autor do livro 'Catecismo do Atirador' e possivelmente um dos maiores conhecedores de armamentos do Exército no século XIX".

Nos primórdios da República foram adquiridos para uso da tropa um primeiro lote de 3.000 revólveres tipo Nagant de origem belga, de ação simples, robusto, potente e confiável; prestou bons serviços até a década de 1930. Seguiu-se a opção na primeira década do século XX pela pistola semiautomática alemã Parabellum, conhecida como Luger, a primeira pistola desse tipo adotada pelo Exército Brasileiro. Foram adquiridas da firma DWM 5.000 armas modelo 1906, calibre 7,65X21mm, entregues em 1910/1911. Precedida de fama, frustrou as expectativas: sujeita a panes continuadas, além de bastante frágil, não era nada confiável. Em artigo publicado na revista Defeza Nacional em 1914, o Tenente Newton Cavalcanti registrou:

"Distribuída sem nenhuma instrução, foi necessário que a curiosidade de alguns officiaes investigasse seu funcionamento, d'hai os maus resultados apresentados por ella, que, logo nos primeiros mezes de uso, foi atirada à margem como inútil para arma de guerra, taes os defeitos que parecia apresentar. (...) A campanha de descrédito em torno desta arma foi feita, sua fama corria de bocca em bocca, como se ella fosse uma inutilidade, e seus defeitos appareciam a cada momento confirmando em tudo o que se dizia".

Em 1912, o Exército publicou "Instrucções para o Tiro da Pistola Parabellum" com dados técnicos e informações sobre uso, manutenção e detalhes do mecanismo. Não

foi capaz de afastar a má-fama da arma. Ademais, a munição 7,65 Parabellum de origem francesa fornecida após a Iª GM era de baixa qualidade. Durante a década de 1920/30 foi distribuída para polícias estaduais. Em 1937, o Governo adquiriu no EEUU 14.000 pistolas semiautomáticas Colt M1911A1 e 25.000 revólveres Smith & Wesson M1917, ambos no calibre .45 ACP, dotando o Exército de armas de porte atualizadas de grande qualidade e eficiência até para os padrões atuais. São armas que exigem um mínimo de manutenção para mantê-las funcionando com a utilidade exigida. A pistola M1911 presta bons serviços às forças armadas norte-americanas há mais de cem anos, gozando de total confiança dos usuários. A munição 45 Auto é considerada uma das mais eficazes para armas de porte, graças à alta potência. Após a 2ª Guerra, a pistola 1911A1, calibre 45 ACP, passou a ser produzida no país pela Fábrica Itajubá, MG, sendo adotada pelas nossas Forças Armadas.

I. PISTOLAS REGULAMENTARES

1. Pistola M.1853 EB



Calibre: 14,8 mm Munição: tipo *Miniè* Capacidade: tiro único, antecarga

Sistema da ação: percussão - cano raiado

Fabricante: Enfield e outros

Utilizada na Guerra do Paraguai



Pistola Minié cal. 16,5 mm (Mordant, Liege)

Pistola de Cavalaria



M 1864





M 1867 Enfield + Coroa de D. Pedro II V. Especificações acima

I.II. REVÓLVERES REGULAMENTARES

7. <u>Revólver M. 1851</u> EB



Calibre: 9,15 mm (.36")

Capacidade: 6 – tambor; Sistema: Colt

Comp. cano: 190 mm

Peso: 1,13 kg. Fabricante: Colt, USA e Le Page, Liège

Utilizado na Guerra do Paraguai

8. Revólver Tipo Lefaucheux M. 1858. EB



Ação simples



Ação dupla

Calibre: 10,8/12 mm Munição: 10,8/12 mm Lefaucheux (cartucho metálico, espoleta de

pino)

Capacidade: 6 – tambor

Sistema: Lefaucheux- retrocarga, repetição, ação simples/dupla.

Comp. Cano: 140-175 mm Fabricantes: diversos

Usado na Guerra do Paraguai

9. Revolver Gerard M. 1874. EB



Calibre: .38" (9,2 mm)

Munição: .380 Gerard fogo central ; Capacidade: Sistema: repetição, ação dupla

Comp. Cano: 120mm Peso: 880 g; Fabricante: Jules Kaufman, Liége.

Notas

1. Havia vários modelos de Lefaucheux, comprimento do cano variado, em diversos calibres e diferentes capacidades – o revólver portado por Caxias era de doze tiros; em 1874, um sem número deles foi convertido para munição de percussão central, denominado "Modelo 1874 brasileiro".

2. A *Manufacture D'Armes Le Page*, Liége, Bélgica, era uma importante indústria que atendeu inúmeras e variadas encomendas do Governo brasileiro.



ATENÇÃO: Próxima atividade da AHIMTB/RS: reunião no dia 20 Out às 1720 h no Auditório do Museu do CMS para posse de dois novos integrantes, o Dr. Telmo Fortes e o Cel da PMSC Valmir Lemos. Pedimos o comparecimento de todos. Depois dessa atividade haverá o lançamento do livro do Cel Malan ETAPAS DA MINHA CAMINHADA, também no recinto do Museu. Mais uma vez, pedimos o comparecimento de todos para estas atividades tão importantes.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes: http://historia-patriota.blogspot.com/.